

DO OUTRO MUNDO: FANTASIA, REALIDADE E O LUGAR DO NEGRO NA OBRA DE ANA MARIA MACHADO

Ismael Neto Ferreira da Silva ¹

RESUMO

O presente estudo tem por objetivo analisar a obra de Ana Maria Machado intitulada *Do Outro Mundo* com o intuito de abordar como o mundo da fantasia, da imaginação, dos fantasmas aparece na obra ligado com o mundo real da escravidão, bem como o lugar do personagem negro na história. Para isso, foram consultados os teóricos Cademartori (1994), Proença Filho (2004), Ribeiro (2017), Almeida (2019), e outros. Diante da abordagem, foi possível constatar que a obra em apreço é uma Literatura infanto-juvenil marcada por uma aventura com a linguagem e seus efeitos, pela qualidade estética, originalidade e criatividade, e que trata de um tema relevante, redefinindo posições dentro da sociedade, com reflexões sobre o lugar do negro.

Palavras-chave: Literatura infanto-juvenil, Fantasia, Realidade, Negro, Escravidão.

INTRODUÇÃO

Ana Maria Machado vive inventando histórias, e muitas delas andam virando livros. Em sua maioria, livros infantis, isto é, livros que crianças também podem ler. É uma escritora que adora seu trabalho e dedica sua vida a escrever muitas histórias. Tanto que já foi professora, jornalista, já fez programa de rádio e largou tudo para viver de livros. Hoje, são mais de 100 obras publicadas no Brasil e em mais de 18 países, somando mais de dezoito milhões de exemplares vendidos. Os prêmios conquistados ao longo da carreira de escritora também são muitos, tantos que ela mesma já perdeu a conta. Tudo impressiona na vida de Ana Maria Machado, ao longo de seus mais de 40 anos de carreira como escritora.

Foi através da Literatura infanto-juvenil que Ana Maria Machado se destacou como escritora. Suas obras infantis, marcadas pela qualidade estética, originalidade e

¹ Graduando do Curso de Letras-Português da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, ismael.silva@aluno.uepb.edu.br.

criatividade, abordam temas diversificados da atualidade, redefinindo posições dentro da sociedade, com reflexões sobre o papel da mulher, do homem, do negro, da criança, do índio, etc.

Do Outro Mundo, uma de suas obras, publicada em 2002, de forma intrigante, traz ruínas do passado que se descortinam no presente, repleto de fragmentos históricos que justificam a riqueza e a formação do povo brasileiro. Realidade e ficção se misturam com os acontecimentos sobrenaturais que criam os conflitos que despertam no leitor curiosidade e desejo. Dividida em nove capítulos, a obra transcorre numa ação linear: inicia com a mudança das famílias para um lugar fantasmagórico impregnado de sombras e aparições, onde uma menina negra, de nome Rosário, reaparece para contar como era sua vida de escrava, sua solidão, os maus-tratos, como ela e Amaro, seu irmão, ajudavam os demais escravos, e, ainda, a forma trágica como morreu. Desse modo, analisaremos na obra de Machado o imaginário (fantasma) e a realidade (escravidão) e como eles se coadunam, bem como o lugar do personagem negro na história.

METODOLOGIA

Este estudo é de abordagem qualitativa-interpretativista, tendo por objetivo analisar a obra infanto-juvenil *Do Outro Mundo*, de Ana Maria Machado. Conforme já mencionado na introdução deste trabalho, a referida análise foi feita com o intuito de abordar como o mundo da fantasia, da imaginação, dos fantasmas aparece na obra ligado com o mundo real da escravidão, como também o lugar do personagem negro na história. Quanto ao embasamento teórico para auxiliar as nossas discussões, iremos recorrer aos seguintes autores: Cademartori (1994), Proença Filho (2004), Ribeiro (2017), Almeida (2019), e outros.

O NEGRO NA LITERATURA BRASILEIRA

Quando o assunto é a presença do negro na literatura brasileira, evidenciam-se, segundo Proença Filho (2004), dois posicionamentos: a condição negra como objeto, numa visão distanciada, e o negro como sujeito, numa visão compromissada.

A condição do negro como objeto refere-se à uma visão estereotipada, em que o negro é emergido na literatura como o infantilizado, o serviçal, o subalterno, que se encontra, por exemplo, em peças de teatro como *O demônio familiar*, de José de Alencar, e *O cego*, de Joaquim Manuel de Macedo. Em outra situação, presentifica-se o escravo demônio, tornado fera por força da própria escravidão, e que aparece, por exemplo, num romance pouco divulgado do mesmo Joaquim Manuel de Macedo, que tem por título *As vítimas-algozes* (1873 e 1896), como ressalta Proença Filho (2004). Da condição de fera à perversão o caminho é curto. O negro pervertido surge em *Bom Crioulo* (1885), de Adolfo Caminha, uma história de homossexualismo, corajosíssima, para aquele momento. Ainda no rol do estereótipo, que está longe de se esgotar, vale assinalar a figura do negro exilado na cultura brasileira, como tem sido apontado por alguns críticos em *Urucungo* (1933) e em poemas de Raul Bopp.

Segundo Proença Filho (2004), o negro como sujeito, numa visão compromissada, refere-se ao protagonismo do personagem negro como sujeito que afirma sua identidade cultural, sua resistência, que não carrega a cor da pele como um fardo, mas como um fato de luta e de vitória. Assim posicionado, o negro se associa aos espaços de valorização étnica e assume na literatura lugar de afirmação consciente de singularização e de afirmação cultural, ao assumir-se como sujeito do discurso literário. É o que podemos constatar em *Do Outro Mundo*, quando Rosário, uma menina negra, protagoniza ao narrar sua própria história de vida e de morte a partir do seu ponto de vista, o que representa, conforme Ribeiro (2017), falar a partir de si mesma, sem que exista um olhar colonizador sobre os saberes, mas um olhar preciso do ponto de vista do próprio negro.

DO OUTRO MUNDO? QUE MUNDO É ESSE?

Na escolha dessa obra para a leitura, o receptor se depara com um título que desperta suspeita acerca “do outro mundo”. Imediatamente o leitor pode se perguntar: que mundo é esse? Para essa leitura a percepção do leitor estará mais ligada aos fatores de terror e suspense, que mexem com o imaginário infanto-juvenil. Essa indagação abre o horizonte de expectativa relacionado aos conhecimentos ficcionais de suspense que estão no inconsciente do leitor. Essas noções vêm das histórias e lendas que se ouvem, ou são veiculadas nos meios de comunicação, ou se lêem em revistas. Também o

pensamento é variado. O Brasil é rico em tradição folclórica, portanto esse outro mundo pode ser dos sacis, mulas-sem-cabeça, etc. Ou deduzir, ainda, que esse mundo é dos marcianos, ou dos fantasmas. O leitor se encarrega de criar o primeiro suspense a que se propõe essa obra, nas respostas que hipoteticamente satisfazem a pergunta inicial.

Ainda, a partir de uma analogia entre o título e a história narrada em *Do Outro Mundo*, é possível perceber que o mundo da fantasia, da imaginação, dos fantasmas aparece na obra ligado com o mundo real, até então desconhecido pelos personagens da história: o mundo da escravidão e do sofrimento, que lhes é apresentado pela menina fantasma de nome Rosário. De acordo com Cademartori (1994), obras infantis e juvenis que respeitam seu público são aquelas cujos textos têm potencial para permitir ao leitor possibilidade ampla de atribuição de sentidos àquilo que lê. Em *Do Outro Mundo*, quando o assunto é sala de aula, por exemplo, o interesse não é o pedagógico, mas sim o literário, a aventura com a linguagem e seus efeitos, permitindo que o aluno-leitor atribua seus próprios sentidos durante a leitura e perceba o que representa esse outro mundo, afinal.

Mas, onde fica o terror na história? Segundo Ana Maria Machado, quando foi convidada por um editor holandês para participar de uma antologia de histórias de terror, ficou pensando: qual seria a coisa mais aterrorizante que conseguiria imaginar. Fantasma? Morto-vivo? Vampiro? Nada disso provoca tanto medo. Mas, o que lhe passou pela cabeça, e que realmente é aterrorizante, chama-se *escravidão*. “Como é que alguém pode viver sem liberdade, tratado como uma mercadoria, impedido de descansar e de ir para onde quiser, separado da família, e, além de tudo, sendo castigado e proibido de sonhar com um futuro melhor?”, ressaltou Ana Maria Machado. E assim começou a pensar na história de *Do Outro Mundo*, baseando-se em um caso que uma amiga lhe contara que aconteceu com um bisavô dela, que herdou uma fazenda da filha dos antigos senhores, após um incêndio criminoso da senzala.

A trama se desenrola num antigo sítio herdado pelo pai de Vera, que é amiga da mãe de Mariano, um menino da cidade de Cachoeirinha, interior do Espírito Santo, e personagem-escritor na história. Vera tem dois filhos, Elisa e Leo. O sítio antigo, a casa grande e o “anexo”, como Mariano e seus amigos diziam (na realidade, a antiga senzala), precisavam ser reformados para transformarem-se numa agradável pousada. Feita a reforma, as crianças resolvem dormir no “anexo” e eis que, à noite, lhes aparece uma menina negra, a Rosário. Inicialmente a garotada se assusta com a presença etérea

de Rosário. Sim, na verdade ela era um fantasma, uma escrava que tinha morado naquela senzala. A menina, por sua vez, vai contar como era sua vida de escrava, sua solidão, os maus-tratos, como ela e Amaro, seu irmão, ajudavam os demais escravos, e, ainda, a forma trágica como morreu.

No capítulo inicial, *Café com leite*, vemos retornar à história do Brasil que envolve não só o potencial econômico do café e do leite, mas também as cores do café e do leite, ou seja, preto e branco, que representam a mistura das pessoas no Brasil, africanos e europeus. Os amigos inseparáveis Mariano e Leo representam isso. Eles fazem uma combinação perfeita: “[...], mas é só olhar para ver como somos diferentes. Leite e café. Eu sou alto e magro, e bem mais claro. Léo é moreninho, mais escuro.” (MACHADO, 2002, p. 14). Em *Feijão com arroz* vemos representada a base da alimentação dos brasileiros. Ainda, os escravos que podiam usufruir da lei dos sexagenários, e uma vez que na velhice não tinham para onde ir, viam-se obrigados a continuar nas fazendas, trabalhando por um prato de feijão com arroz.

O capítulo *Preto no branco* usa-se de tal expressão para confirmar a importância da escrita, do registro. Esse fato é muito valorizado pela personagem para garantir que todos no futuro saberão da história: “Lembrar a história da Rosário e botar tudo no papel, preto no branco, como ela havia pedido”. (MACHADO, 2002, p. 102). Em *Escravo, escrevo* Mariano passa a escrever a história narrada por Rosário, e mesmo estando com grande insegurança, segue adiante com a escrita, pois “tinha que escrever porque estava escravo de uma promessa feita a um fantasma”. (MACHADO, 2002, p. 115).

LUGAR DE FALA

“A própria Rosário já tinha falado [...], mencionado que precisava nos contar tudo aquilo, para que pudéssemos ajudar. Mas para isso, ainda faltava que soubéssemos o fim da história.” (MACHADO, 2002, pág. 63).

A história narrada em *Do Outro Mundo*, que se desenrola desde os planos de transformar uma antiga fazenda de café em pousada até a sua instalação, e que é moldura para uma segunda história, é narrada por Mariano, um garoto que nunca tinha escrito um livro antes, nem gostava de ler, mas foi desafiado a escrever essa história.

Contudo, posteriormente, é a voz de Rosário que narra sua própria história de vida e de morte a partir do seu ponto de vista. E falar a partir das mulheres negras é uma premissa importante do feminismo negro, em que não existe um olhar colonizador sobre os saberes, mas um olhar preciso do ponto de vista do próprio negro (RIBEIRO, 2017).

O retorno de Rosário se liga a dois desejos: o primeiro, saber sobre o paradeiro de seu irmão Amaro; o segundo, escrever e divulgar a sua história, para que não seja esquecida e eventos semelhantes aos que viveu nunca voltem a ocorrer. Aí está o motivo que justifica a escrita do livro, cuja narração ficou sob a incumbência de Mariano. Porém é a voz da menina escrava que conta da escravidão, dos sofrimentos que ela e seu povo viviam e dos maus tratos que sofriam do “Sinhô Peçanha”. Ainda, conta o inferno que viveu, que parecia que não ia acabar nunca, quando foi queimada viva no incêndio da senzala provocado pelo Peçanha:

Parecia que não ia acabar nunca. Mas então, de repente, acabou... Eu morri. Ficamos em silêncio. Ninguém conseguia se mexer nem dizer nada. Como deve ter ficado a senzala no final, só fumegando, com um monte de corpos carbonizados, irreconhecível. (MACHADO, 2002, pág. 73).

Pode-se dizer que a personagem negra tem lugar de fala, tem espaço para contar sua versão dos fatos, e conta para que a sua história não seja esquecida, mas divulgada à todos. E trazendo as palavras de Ribeiro (2017), pensar em lugar de fala para o negro, seria romper com o silêncio instituído para quem foi subalternizado, um movimento no sentido de romper com uma hierarquia classificada como violenta. Rosário protagoniza ao narrar sua própria história de vida e de morte, o que significa dizer, segundo Proença Filho (2004), assume lugar de sujeito, numa visão compromissada, ao afirmar sua identidade cultural, sua resistência e sua cor da pele como um fato de luta.

Ainda, citando Ribeiro (2017), quando pessoas negras estão reivindicando seu lugar de voz, estão reivindicando o direito à própria vida. No caso de Rosário, morta em um incêndio criminoso, podemos parafrasear a ativista Sojourner Truth, quando diz “*não estou indo embora, vou ficar aqui e resistir ao fogo*”. Foi o que deveras ocorreu com Rosário, que mesmo morta “não foi embora”, ficou e resistiu ao fogo para contar toda a história, e que eventos semelhantes aos que viveu nunca voltassem a acontecer com os seus.

LIÇÃO DE VERGONHA À SOCIEDADE

“Não posso falar pelos meus amigos ali ao lado, mas eu ia ouvindo aquelas coisas e morrendo de vergonha de ser branco e brasileiro.” (MACHADO, 2002, pág. 59).

Quando Mariano fez esse desabafo, estava falando de um assunto muito importante na História: o drama dos escravos africanos no Brasil. Em 13 de maio de 1888, a princesa Isabel assinou a lei Áurea, por meio da qual ratificou a extinção do trabalho escravo dos negros em nosso país. A abolição da escravatura foi resultado de um processo de luta popular, que contou com a adesão de parcelas consideráveis da sociedade brasileira, além de ter sido marcada pela resistência dos escravos. O Brasil foi o último país a abolir com a escravidão.

Mas apesar de proibida ela continuou a existir, muitas vezes disfarçada. Não era nada fácil para os ex-escravos começar do zero num país em que os negros tinham sido tratados como mercadoria. Por essa razão, não tinham direito de estudar, de ter bons empregos e nem condições dignas de vida, ficando, a população negra, em sua maioria, à margem da sociedade brasileira.

Apesar de conquistas, como a Lei Afonso Arinos, que determina duras punições contra preconceito racial, ainda assim falta muito para que a população negra tenha oportunidades verdadeiramente iguais às dos brancos. Segundo Almeida (2019), é preciso que leis e estatuto destinados a garantir à população negra a efetivação da igualdade de oportunidades, a defesa dos direitos étnicos individuais, coletivos e difusos e o combate à discriminação e demais formas de intolerância étnica sejam rigorosamente cumpridos para que mudanças ocorram. E as mudanças que precisamos para reverter essa realidade, dependem um pouco de cada um de nós, brasileiros de todas as cores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A novela infanto-juvenil *Do Outro Mundo* consegue surpreender na forma como mistura acontecimentos tristes sobre a escravidão no Brasil e o sobrenatural. Era para ser uma história de terror, pois o título é sugestivo. Entretanto, não é. Não é uma

história de terror, mas poderíamos dizer que essa história é de causar vergonha em toda a sociedade, como o próprio Mariano diz: “[...], *mas eu ia ouvindo aquelas coisas e morrendo de vergonha de ser branco e brasileiro*”. Essa ilustre obra de Ana Maria Machado está impregnada com a história do processo de libertação e também mostra como a criação literária carrega muitas influências, tanto sociais e políticas. Sem deixar de constatar a aparição do negro como sujeito, numa visão compromissada, no que refere-se ao protagonismo de Rosário, que afirma sua identidade cultural, sua resistência e que carrega a cor da pele como um fato de luta.

Além disso, *Do Outro Mundo* é uma Literatura infanto-juvenil marcada por uma aventura com a linguagem e seus efeitos, pela qualidade estética, originalidade e criatividade, e aborda um tema relevante, redefinindo posições dentro da sociedade, com reflexões sobre o lugar do negro tanto na literatura quanto na sociedade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. L. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

CADEMARTORI, Ligia. **O que é literatura infantil?** 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

MACHADO, Ana Maria. **Do Outro Mundo**. Ilustração: Lúcia Brandão. São Paulo: Ática, 2002.

_____. **Ana Maria Machado: primeiros passos**. Disponível em: <https://www.aancart.org/ana-maria-machado/> Acesso em: 15 jun. 2021.

PROENÇA FILHO, Domício. A trajetória do negro na literatura brasileira. **Revista de Estudos Avançados**. São Paulo, v. 18, n. 50, p. 01-25, jun. de 2004.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Editora Letramento, 2017.